

Por insistência de meus filhos resolvi anotar algumas passagens de minha vida.

A lembrança mais remota que tenho é o nascimento de meu irmão Heitor. Ele nasceu em 1923, três anos mais novo do que eu. Minha mãe deu a luz em casa, com parteira, e eu fui mandada à casa de alguém para dormir. Lembro que levei uma bronca devida porque fiz xixi na cama.

Nós somos cinco irmãos e tivemos uma infância feliz pois nossa casa ficava em um terreno enorme, com muitas árvores frutíferas, principalmente mangueiras, e nós vivíamos tropadas nas árvores.

Aos 4 anos comecei a estudar piano e com 6 ou 7 anos toquei minha audição no Teatro Municipal de Araraquara onde morávamos.

Meus irmãos iam ao Grupo Escolas que ficava de frente a nossa casa, à Rua Gonçalves Dias nº 14. Aos seis anos fui admitida ao grupo pois ficava no portão chorando que também queria entrar; então o diretor, seu

Odilon me deixou entrar.

Quando eu tinha sete anos meu pai resolveu batizar os filhos: Silvio já tinha 13 anos, Ada 11, Lydia 9, eu sete e Heitor 4. Meus pais fizeram uma grande festa sob o arvoredo e minha mãe fez muita comida gostosa. Minha madrinha era a Dna. Adina Monteiro Amaral. Meu padrinho, seu Orlando era zelador do cemitério.

Logo depois do batizado comecei a andar sozinho com o manto da banda. Mas tarde com o prof. Tescari.

Quando a Lydia tinha doze anos foi conhecer em S. Paulo no concurso "Torde de Criança" onde impressionou muito a pianista Guiomar Novais e o prof. Agostino Cantu. Passou a tomar aulas com Cantu e então Ada e eu passamos a ir também tomar aulas em S. Paulo.

Nessa ocasião nosso pai contraiu uma doença muito grave e as passas começaram a se afastar de nós. O professor da Acha chegou a fechar o banco do piano com jornal.

DATA: / /

Por volta dos anos 30 e 31 mamãe nos deixava ficar em S. Paulo para não perdarmos as aulas. Havia um afinador de piano, Sr. Frazaz, que trabalhava na Casa Prates; ele nos hospedou várias vezes. Eu fiquei também na casa da Clarisse, filha de nosso vizinho de Brasaquara. Depois fiquei um tempo com a família Matalia, que tinha fábrica de macaráo e eu adorava ajudar. Depois fiquei um tempo na casa de meu professor, Frank Smith e mais tarde fiquei em vários endereços de minha avó e minhas tias.

Finalmente em 1932 minha mãe resolveu mudar para S. Paulo e fomos morar na Rua Casino Alves. Heitor, que estava acostumado a viver ao ar livre, custou a se acostumar. Ele veio p. S. Paulo corado e em pouco tempo ficou bem palido.

A essa altura eu já havia mudado de professor e fiz bastante progresso. Eu já tocava em audições com a Lydia ou a Ada.

DATA: / /

Voltando aos anos em Maracanaú:
Quando papai viajava p. São Paulo, para fazer
compras, mandava um empregado dormir
em casa; ele se chamava Pedro Delapige
e gostava de contar estórias de fantasma.
Nos todos ficamos apavorados. Influenciada
por essas estórias, uma noite no escuro vi
uma coisa branca e comecei a gritar "
assombração". Meu pai veio correndo e me
pegou pela mão e me levou para ver
a "assombração". Não era mais do que
nosso empregado Jeanico que estava se vestindo
com uma camisa branca...

Este empregado gostava de se vestir de
mulher e sempre no carnaval se vestia de
dancarina e comprava sapatos de salto alto.

Nós e nossos companheiros de brincadeiras gostamos
de brincar de adivinhar. Brincamos num forão,
puxávamos um fio de branco entre as
cordões e quem sempre era o Sybio que
tentava andar no arame segurando uma
sombriinha aberta. Para adivinhar tinham que
fazer 10 palitos de fósforos. Nesse

brincadeira entraram o Amadeu Rebuglio,
o Chico nosso empregado o Pacalusso (cujo
nome era realmente Pascoaluccio) Este rapaz
tornou-se anador e morreu em duarte de
ano.

Em casa tinha uma padeira que dava
muita traça por volta do Natal. Mãe
sempre preparava uma bandeja de uva para
mandar para D. Jery, esposa de nosso médico
Dr. Firmino. A bandeja sempre voltava
com um delicioso bolo. O Dr. Firmino
gostava de música e às vezes ia lá em
casa para nos ouvir tocar.

Nos dias de finados e na sexta-feira
santa nós não tocamos porque era pecado.
Gostávamos de brincar mais do que nunca.
Lidia e eu gostamos de subir numa
mangueira muito alta que ficava bem
defronte ao grupo escolar; levávamos um eife-
hinto e ficamos aformentando as professoras
nas salas de aula.

Em 1933 nos mudamos para a Rua Oscar Freire que naquele tempo nem era toda asfaltada. Ali perto havia uma chácara onde comprávamos verduras. Passava Cabrito de leite, tripé e comprador de roupa usada. Na Rua Augusta tinha Bonde Camarão (bonde fechado) que ia até a Praça do Correio em 20 minutos.

Eu, para ir à aula de violino subia e pé até a Av. Paulista onde pegava o Bonde Liberdade. Levava o violino e a pasta com as musicas e na volta ainda trazia $\frac{1}{2}$ abóbora de açúcar, que na Liberdade custava mais barato.

Quando ainda morávamos na R. Castro Alves mamãe e Lydia foram para Recife. Papai mandou uma mala de Araraquara e para aproveitar o frete escheu a mala de mangas. Adimilson quem foi buscar a mala na Estação da Luz, de bonde aberto, para colocar a mala ao lado do motorista, na frente do ônibus. A mala pesava só 22 ks...

DATAPEL

Bem, Lydia e mamãe viajaram pelo navio Neptunia e fizeram algumas amizades. Chegando lá as primas Paulina e Anita fizeram uma porção de vestidos para a Lydia pois ela tinha poucas. Lá em casa era assim; da Lida as roupas passaram da Lida para a Lydia e da Lydia para mim.

Nessa altura Lydia e Ada já davam aulas e eu já tocava em alguns lugares, principalmente nas audições do prof. Cantu, audições essas que se realizavam no palacete do professor a todo 3º domingo do mês. Lá também conhecemos vários artistas.

Em 1935 Ada também foi para Recife e foi muito bem recebida pela família, tanto que acabou ficando noiva do primo José. Eles se casaram em 1936. Não pudemos ir ao casamento pois não tínhamos condições #

DATAPEL

11

Em 1935 dei meu primeiro concerto solo no Conservatório Musical da Prefeitura - Lydia acompanhou e o programa foi bem significativo, com primeiras audições e crítica favorável.

Lydia também tocava em Radio e lembro que o estúdio era na rua 5 de Abril.

Ela já tinha muitos admiradores e um era da família Lichstenstein que deu de presente a ela um perfume SCANDAL da Laurin. Era delicioso!

Por esse tempo conhecemos o Nobre (Joaquim Carlos Nobre) que apelidamos de "camara lenta" pois ele recria tudo com muita calma.

também o jornalista Mairapy Monteiro que acena no Correio Paulistano

Em 1937 foi inaugurada a Radio Bandurantes e fui convidada para tocar na inauguração. Em seguida fui contratada para tocar lá 2 x por semana com acompanhamento de Leo Peracchi ao piano.

Em 1938 eu e Hektor fizemos um

DATAFEI

"tournee" para a Pro Arte. Fomos a Porto Alegre, Blumenau, Joinville, Ponta Grossa e Belo Horizonte. A gente viajava de trem e era hospedada por famílias alemãs.

Eu estudava francês e inglês

Em 1939 participei de um concurso promovido pelo Estado de S. Paulo (governo) e ganhei uma bolsa de estudos para estudar 3 anos na Europa. Viajei para Paris no navio italiano Augustos. Desembarquei em Cannes e lá estava uma parenta do meu professor que me hospedou por uma noite e no dia seguinte me levou ao trem para Paris. Eu me encantei com a viagem pois os campos estavam cobertos de papoulas.

Em Paris me aguardaram na estação outros parentes de meu professor, o casal Benedetti, também músicos

Eu havia ouvido falar muito do prof. Georges Evers que fora professor do Ickhudi Menuhin. Matriculei-me no curso de verão, que era de seis semanas.

1
Depois fiquei algum tempo estudando com a assistente dele, Ivonne Astruc.

Encontrando com brasileiros frequentemente fiquei conhecendo Di Carvalanti, Lino Abramo, Paulo Emilio Sales Gomes, Camargo Guarnieri (receu casado com a Anita) e a cantora Cristina Marustany.

A Anita Guarnieri me contou que no prédio onde morava tinha um pequeno apartamento vago e eu podia comer as refeições com eles - Quem cozinhava era a mãe da Anita, uma cozinheira de mão cheia; ela se chamava D. Graça.

No verão em Paris quase tudo parava; férias coletivas nas lojas, os professores iam todos veranejar. Paulo Emilio tinha um colega, Jean Oury, cuja mãe alugava uma casa em Barneville Sur Mer e ele e o irmão iam para lá. Então formamos um grupo, Paulo Emilio, o casal Guarnieri, um outro pianista brasileiro cujo nome não lembro e nos mandamos para lá e ficamos num hotelzinho bem simples mas

DATAPÉL

muito agradável. Lá fizemos amizade com varias pessoas de Paris que tambem estavam veraneando.

Em Paris fui muitas vezes ao Louvre pois sempre tinha mais coisas para ver. Já os franceses se preocupavam com uma possivel guerra; as grandes igrejas removiam seus vitrais para guardar e tudo ficou muito agitado. Nosso sub-bôxador, Souza Dantas, chamou todas os brasileiros e nos aconselhou a voltar para casa pois ele já havia passado a outra guerra na Europa e sabia que não seria nada confortavel. Portanto nos preparamos e fomos de trem para Mârelha onde nos esperava um navio brasileiro chamado Bajé. Um horror! As cabines eram minúsculas com camas beliche para 4 mulheres, sem banheiro privativo. Para tomar banho era preciso pedir agua quente ao camareiro, para a gente misturar com a agua fria e tomar um "banho de gato". Ou lerava

DATAPÉL

comigo uma vitrola de corda, que tinha ganho de meu cunhado Arnold, e a gente ouvia Trutão e Isolda de Wagner. Falando em cunhado devo registrar aqui que minha irmã Lydia tinha se casado em 1937. Ela conheceu o Arnold numa festa no Club. Germania e namoraram escondidos da mamãe. Quando se casaram nem houve festa, foi só uma cerimônia civil. Mas eles tiveram uma linda viagem de núpcias pois Arnold levou a Lydia para a Suíça para apresentá-la aos pais dele.

Voltando à viagem de volta da França, no navio "BAGE". Fizemos escala em Recife e quando meu cunhado José viu em que condições eu viajara me tirou imediatamente do navio e me levou para casa. Minha irmã Lida já estava com 2 filhas e eu dormia no quarto da mais nova, Jannete, e de manhã ela me acordava. — "titita, cocô" — Eu ia tira-la

da cama mas era difícil por que era cocô esparramado pela cama inteira. Fiquei alguns dias lá e voltei para S. Paulo no navio "Pedro Segundo", que era bem melhor que o "BAGE".

Em 1940 dei muitos concertos com o Heitor e no Rio de Janeiro toquei na Escola Nacional de Música, que atualmente é parte da Universidade do Rio de Janeiro. Lá conheci o Sá Pereira que na época era o diretor da escola. Sentimos atração um pelo outro e, apesar da grande diferença de idade, começamos a sair juntos. Naquela época o compositor Francisco Mignone estava morando no Rio e com sua esposa, D. Lyddy, (ex Sra. Cantini) receberam muitos artistas em seu apartamento e o Sazinho me levava lá. Devida à grande diferença de idade entre os dois todos me pediam para desistir, então quando ele me pediu em casamento foi um Deus nos acuda... Para mim era uma atração grande frequentar aquele

ambiente mas comecei a viajar quando mamãe me pediu, de joelhos, que não fizesse esse casamento. Em 1941 os Estados Unidos, dentro da política de "boa vizinhança" Corridou e ofereceu muitas bolsas de estudos para artistas da America do Sul e dentro desse programa fui convidada para participar do Festival de Tanglewood. Vi a noiva SS URUGUAY da Moore McCormick, um navio lindo e o Sasiuho me levou para embarcar. Dai para diante adeus Sasiuho ---

Chegando em N York encontrei a Maria de Freitas, uma portuguesa muito simpatica, secretaria do diretor da parte musical do B. Biblioteca Publica, Dr Carlton Sprague Smith. Ele era encarregado das atividades dos musicos Sul americanos

Maria me levou ao Hotel Taft onde esperei para ser levada para o festival.

Chegando ao local do festival encontrei na estação o pianista Juho Sawroma,

de algum lugar da Am. do Sul, e o compositor Aaron Copland. Deram-me para uma casa onde fiquei com outras moças. Lá só davam café da manhã e o almoço a gente comia de um caminhão restaurante que aparecia diariamente. No dia seguinte já começamos a ensaiar a orquestra, sob supervisão de Sergei Koussevitzky mas o regente era um dos estudantes.

Não havia lugar para a gente estudar e eu estudava em baixo de uma árvore. * ~~Eu~~ comecei a carreira de Leonard Bernstein, Walter Hendl (que ficou o regente da orquestra de Dallas, Texas) Lukas Foss, e outros

O Festival durava seis semanas, de julho e Agosto e eventualmente fui convidada para tocar solo e toquei o Concerto em Mi maior de Bach. No auditorio cabiam milhares de pessoas e mais gente ficava no gramado. Depois do Concerto o Koussevitzky me levou no

* EM TANGLEWOOD.

nosto e a famosa cantora Lilly Pons, que estava ao lado, me disse - Não leve mais o rosto -

Percebendo que ainda tinha muito a aprender não só ficar nos EEU e procurar informações sobre bolsas de estudo.

Em 1938 eu havia conhecido, em S. Paulo, o grande violinista Jascha Heifetz a quem me levaram para tocar. Ele me disse que se eu fosse estudar nos EEU o procurasse e ele me aconselharia.

Mas ele morava na Califórnia e eu escrevi pedindo conselho. Ele me respondeu aconselhando que eu tentasse uma bolsa na Juilliard School em Nova Iorque. Foi o que fiz e consegui. Eu e um pianista sul americano fomos os dois primeiros estrangeiros admitidos à Juilliard.

Fui aceita por Ferringer que tinha sido professor de grandes violinistas

Em 1942 fui convidada novamente para o Festival de Tanglewood e, devido a dificuldades por causa da guerra, quem

deu aulas foram os músicos da Orquestra Sinfônica de Boston e os concertos eram regidos pelo próprio Koussevitzky. Foi maravilhoso! Também participei de música de câmara com o violoncelista russo Piatigorski e com o pianista Jesus Maria Sambrana

Em 1943 não houve festival em Tanglewood que só voltou a acontecer depois da guerra. Nesse ano o verão foi muito quente em NY e nas férias me ofereceram um emprego no campo, um pequeno sítio de uma pintora holandesa, Angela Straeter. Ela era especialista em desenhos para cartões de natal, que eram lindos e principalmente com passarinhos e animais. Lá passei 3 meses e ajudava na horta e na conservação da casa. Eu estudava violino diariamente na Floresta que começara nos fundos da casa.

De volta para a Juilliard achei falta de muitos colegas, que tinham sido chamados para treinos militares.

Morada pela atividade relacionada à

guerra apresentei-me ao antiço social e ofereci-me para participar de grupos que promoviam espetáculos na base de treinamento.

O diretor dessa organização era Mr. Baldini e o diretor da parte financeira Mr. Turner.

Assim fiquei conhecendo muitos artistas e toquei em West Point, escola de oficiais.

Voltando um pouco para 1941. Depois do festival de Tanglewood voltei para NY e me instalei numa pensão para estudantes de arte, The Three Arts Club. A maior parte dos moços eram estudantes para serem atores. Nesse ponto recebi carta da pianista Bernette Epstein, que desejava "debutar" em N.Y. Ela foi me encontrar nesse club mas não se adaptou às regras. A gente quando saía tinha que dizer onde ia e a que horas ia voltar. Então decidimos alugar um apartamento perto da Juillard e ela alugou também um piano. Ela estudara muito e eu estudara na escola.

O "debut" dela no Town Hall foi um sucesso e ela foi contratada para tournées

DATAFEI

Em 1944 a USO Camp Shows me perguntou se eu iria em viagem com as tropas, tem me dizer para onde pois tudo era muito sigiloso. Aceitei e comecei a me preparar. Me mandaram à loja Saks para me confeccionarem o uniforme. Essa loja é muito chique e fica na 5ª Avenida. O uniforme era ludo; tãlbur com saia e com calça comprida; bolsa e sapatos; um casaco capa por fora e forro de lã; um quepe com a etiqueta de USO Camp Shows. Na hora que anunciaram nossa partida tivemos muito treinamento; armar barricada, colocar masearas contra gaz, etc.

Só soubeemos para onde íamos no navio, que por coincidência era o mesmo SS OROUAY da Moore Mc Cormack transformado em navio de tropas. Meu grupo constava de cinco pessoas; um cantor, uma cantora, uma dançarine, uma pianista e eu. No conves do navio colocaram um piano e diariamente apresentamos um programa à tarde e um à noite. Também tinhamos que conversar

com as tropas, fazer as refeições com eles, etc.

O bordo tinha muitas enfermeiras e jornalistas - correspondentes de guerra.

Da turma de jovens que viajaram neste navio parece que não se salvou nenhum.

Nossa primeira parada foi Londres e ficamos alojados numa casa de família onde nos deram o café da manhã e um chá à tarde. Como nos apresentamos diariamente nas bases, as refeições fazíamos com os soldados.

Nosso transporte nos pegaram à tarde para uma apresentação e depois nos levaram para outro local para nos apresentarmos para outro batalhão, à noite.

Depois de Londres, fomos instalados em um hotel em Bournemouth, no Sul. Ali eu na redondeza estava se preparando o 2º frente. O general Eisenhower estava comandando a preparação da invasão, pelo norte da França. Se não me falha a memória foi no dia 6 de Junho, o que as tropas chamaram de dia D.

DATAFEL

Eles desembarcaram em duas praias que denominaram de "Omaha Beach" e "Utah Beach". Depois do dia 15 nosso grupo também seguiu para lá; passamos uma noite num navio holandês, chamado Neve-Amsterdã; na cama tinha tantos pere-vejos que todos passamos a noite no convés...

No dia seguinte cruzamos o Canal da Mancha e passamos ao largo de "Omaha" Beach. Do navio passamos para barcas e desembarcamos pela parte da praia que duce até a areia. Dali já nos fizeram um caminhão de tropas e ficamos algumas noites em tendas. Imediatamente retomamos as apresentações à tarde e à noite, sempre percorrendo as distâncias em caminhão.

De Cherburgo passamos por Caen, Rouen, St Malo, Rennes, Vitre, Mont S. Michel, St Lo Angas, Nantes. Finalmente chegamos a Paris.

Na Normandia às vezes ficávamos alojados em castelos, dormindo no solo de lona que cada um de nós carregava, sem tapete, privada ou um travesseiro. Começou a espumar

DATAFEL

e as vezes antes de tocar eu podia ouvir
vezilha de agua quente para esquentar as
mãos; às vezes um soldado pulava no paleo
e dizia "—deixe que eu esquente—"

Não sei se foi em Caen ou St Malo que
encontrei o compositor frances Poulenc, que me
deu seu autografo num pedacinho de papel.

Quando estavamos muito longe comiamos
as mesmas nações que os soldados. Uma caixinha
de papalio do tamanho de caixa de sabonetes.
Continha 1 latinha de alguma carne, uma
bratinha de frutas ceras, um envelopinho de
café solavel e um envelopinho de afeucar.

Outra ocasião estavamos numa area onde
dava para comer com as tropas. Chegou um
carregamento de carne de porco (porco) e onde
ramos tinha carne de porco. Não deu outra,
todo mundo ficou com diarreia...

Cansada de comer legumes e verduras desi-
tratadas comecei a procurar certas plantas
que eu conhecia e fazia salada no capotele,
e turma toda arancava.

Durante a ocupação alemã os oficiais

DATAPEL

alemães confiscaram dos franceses os vinhos
os queijos e o champagne. Quando os aliados
chegaram pagaram tudo e nós musicos
gostavamos muito champagne. Numa
ocasião em que não tinhamos agua cheguei
a lavar meias de seda no champagne...

E assim continuamos mas o frio já estava
demais e eu fiquei doente. Me puseram num
hospital em Paris e só no dia seguinte chegou
uma enfermeira no quarto e disse, "je
ne sorsais pas quil ya quelcun ici" Imediate-
mente ela foi buscar um medico e eu fui
medicada.

Eu padarias a gente conseguia deliciosas
pães em troca de cigarros. Também perfumes e
lindas echarpes.

Em Dezembro fui liberada para voltar
para N. York. O navio "Isle de France" partia
de Genova, então aproveitei ir ate Roma, 1 dia,
Veneza e ~~Padua~~ fozde e Genova. O navio
era enorme e lembro que vi fora conosco
o ator frances Claude Reins. Tinha muitos
soldados indo para casa de licença mas

DATAPEL

o mesmo grupo já tinha se desfeito.

1946 foi o ano em que nos encontramos todos em NY. Heitor, Janet, Sonia depois Ida, José, tia Ida com seu Luiz, Arnold, Lydia com os filhos.

Quando Heitor chegou eu estava morando com a Sylvia Epstein, prima da Bernete, e ele passou uns dias conosco. Houve um tempo em que morei na casa, apartamento do Isaac Stern; a mãe dele alugara uns quartos para não ficar só; o Isaac estava começando a carreira e viajara sempre com o pai. Também se achava em NY o casal Klinger, que me convidou para o teatro com Lydia e Arnold. Não me lembro o que assistimos.

Também nessa época apareceu o Edgar Kocher. Sabendo que eu me preparava para o concurso de Guebra Lydia conseguiu que ele me desse a passagem.

Na Suíça Lydia e família moraram na casa dos Haller em Riehen - Siglinweg 10.

Infelizmente eu não estava bem preparada para o concurso, nem tinha um bom instrumento. Só ganhei uma menção honorosa "DIPLOME" o que já foi bom para mim.

Depois disso fui me encontrar com tio Luiz e tia Ida em Paris. Dali viajamos de carro para a Bélgica e Holanda. O motorista do carro se chamava Belletti. Na Holanda visitamos vários lugares; o mercado de flores, a ilha de Volendam, onde as pessoas se vestem a caráter. Ali o tio Luiz esqueceu a máquina fotográfica e tocou a mim pegar novamente o barco e voltar à ilha para recuperar a máquina. Foi nessa ocasião que fui à Itália para embarcar de volta para o Brasil. O navio era italiano e se chamava "Fillipa". Viajaram vários italianos que emigraram para Argentina e Chile. Havia uma moça que casara por correspondência com um argentino; será que deu certo?

Chegando no Rio o amigo Moutyuz
subia à bordo e me ajudou a desembarcar.

Em S. Paulo mamãe tinha mudado
para uma vila, na Oscar Freire mesmo.

Logo fui convidada para concertos no
Rio, S. Paulo, Belo Horizonte, Campinas etc.

Em 1947 fez muito calor e eu estudara
sentada num baquicho dentro da Parreira
cheia de água fria. Em Brasaquara orga-
nizaram uma grande homenagem e eu
dei um concerto. O Teatro Municipal havia
sido demolido e o concerto foi no antigo
Cine Odeon. Hospedei-me na casa da fami-
lia Luppi, parentes da mamãe e eu era
muito amiga da Bruna. Os Luppi tinham
oficina de concerto de carros. A Serena,
madrinha de Patrício da Lydia, também
morava lá e tinha um filho, Valter. No
casamento da Serena eu fui incumbida de
carregar uma das almofadas em que os
noivos iniciam se apertar. Papai tinha
obrigado um carro sem capota e

DATAPEL

quando o carro deu um solavanco a
almofada pulou para fora e caiu numa
poça; papai precisou limpar a almofada
com o lenço.

Lembro de um piquenique em Salto
Grande em que a Serena levou seu
nenê, o Valter, e eu ficava cotucando
ele com um pauzinho.

Em Brasaquara tinha a confeitaria Zoega
que fazia doces deliciosos. Na frente do
grupo escolar pararam dois sorveteiros
ótimos; o Maneco, que fazia o melhor
sorvete de limão e o Tognoli que fazia
outros sorvetes. A sorveteira era morida
e mão, com manivela e eu torno da
lata onde batiam o sorvete punha-me
gelo e sal. Em casa também tinha uma
sorveteira dessas e às vezes o Sylvio fazia sor-
vete

Em 1948 me preparei para me apresen-
tar em Novaorque, no Town Hall que era
uma sala menor que o Carnegie Hall e
muito mais barato. Eu avia juntado os

DATAPEL

1.000 dólares necessários e lá fui eu novamente para os States. Na hora de escolher pianista para me acompanhar lembrei-me de um que havia acompanhado o Nathan Milstein em S. Paulo e que eu tinha ~~est~~ achado extraordinário; chamara-se Leopold Mitman e eu o procurei; ele aceitou e iniciamos os ensaios.

O concerto foi bom e tive críticas boas. O empresário que organizou o concerto pertencia à N.C.A.C. (NATIONAL CONCERTS ARTISTS CORPORATION) me procurou e ofereceu uma tournée para 1949, o que eu aceitei.

Em alguns concertos eu fui acompanhada pelo Xuxa, ALEXANDER ZATIN, que era o acompanhador do ISAC SIERN. Algumas vezes fui pensionista na casa do Xuxa onde D. Ana, a mãe me tratava com muito carinho. Ela até almejava com um casamento meu com o Xuxa mas eu nunca senti mais do que amizade por ele.

Em 1948 fiz também parte do grupo de músicos escolhidos para representar o

Brasil no concurso organizado pela Phillips na Holanda. O concurso realizou-se em Scheveningen, no litoral norte da Holanda. Acho que em outra parte já mencionei esse concurso.

Voltei para S. Paulo e toquei na Cultura Artística de S. Paulo e do Rio. Em 1949 voltei para os Estados Unidos para a minha Tournee. Fiquei morando com a Bernette num apartamento pequeno. Bernette tinha seu lindo piano de cauda e estudara muito. Não tinha outro quarto para eu estudar e eu estudava no banheiro, com algodão nos ouvidos, mas muitas vezes eu alugava um studio na Broadway por algumas horas para estudar direito.

Eu viajara de trem e uma vez Bernette e eu nos cruzamos em Chicago e lá nos recebeu o namorado dela, Thomas Proctor, um grande advogado de Nova York.

Quando o dinheiro ficou escasso

Fui morar no apartamento da crítica musical do "New York Post", na Rua 57, ao lado do Carnegie Hall. O nome dela era Harriet mas não lembro do sobrenome. Ela era casada com um cantor de Ópera, cujo sobrenome era Nornle. Ele era enorme de gordo e a Harriet vigiava as refeições dele. Mas ele comia escondido... Ele cuidava do filho dele, Craig, de sete anos; meu trabalho era dar a ele o café da manhã, leva-lo para baixo para pegar o ônibus da escola e à tarde pegá-lo de volta. Depois dele tomar banho bançavamos um pouco e depois jantávamos. Além de me pagar um ordenado a Harriet me dava ingressos para concertos e operas.

Nessa época as autoridades me negaram extensão do visto de permanência e eu me preparei para vir embora. Bernette também estava voltando então voltamos juntas e, por coincidência era de novo o SS URUGUAI, 3ª vez que eu viajava nesse navio.

Era o ano 1951, vovó tinha acabado de falecer e mamãe estava muito triste. Ada nos chamou para passar uns dias em Recife.

Nessa época Sylvio e Nicote estavam morando lá e tinham uma casinha muito boa. Não esqueço uma bacalhoadinha que o Sylvio fez, uma delícia. Nós fomos para lá de navio, o PARA e voltamos no Pedro II.

Mamãe agora morava num apartamento que Ada tinha comprado para mamãe morar, no Edifício Mare na R. Cons. Crispiniano. Fiquei uns dias no apartamento dela e depois resolvi alugar um para mim no mesmo prédio. Mamãe morava no 12º andar e eu fiquei no 7º. Esse prédio ficava bem atrás da Radio Gazeta. A naquele tempo a rádio transmitia operas e concertos; no nosso prédio moravam muitos músicos, principalmente cantores.

No último andar inauguraram um

restaurante FASANO e todos fomos convidados para a festa e mamãe tomou um "pifa" de champanhe.

Toquei varias vezes na Radio Gazeta com orquestra regida por Armando Belardi; o Concerto de Max Bruch e um de Mozart

Em 1952 eu fui convidada para dar aulas na Escola Livre de Musica cujo diretor era Hans Joachim Koelreuter. Além disso eu dava aulas particulares, foi na escola de musica que conheci o Emilio. Ele estava começando a aprender violino mas tinha pouca facilidade. Ele ficava muito tenso na aula e um dia eu perguntei porquê ele ficava tão nervoso. Ele me respondeu que estava gostando de mim e queria casar comigo. Eu respondi que não pretendia casar porque queria seguir com minha carreira. Então ele começou a me convidar para sair, jantares, concertos, cinema...

NAVIOS

- 1939 "AUGUSTOS" - SANTOS - NICE FR.
" "BAGÉ" - MARELLHA - RECIFE
" "PEDO II" - RECIFE - SANTOS
1941 "SS URUGUAY" - SANTOS NY
1944 " " " EEUU - INGLATERRA
" "NEW AMSTERDAM" - SOUTHAMPTON
FRANÇA -
X ? "FILIPA" - ITALIA - GENOVA A
1946 RIO DE JANEIRO
1944 ISLE DE FRANCE - INGLATERRA
PARA EEUU
1945 "SS BLATCHFORD" - S. FRANCISCO
FILIPINAS
" "MONTEREY" - MANILA - S. FRANCISCO
1951 "ROSS URUGUAY" - NY. SANTOS
" "PARÁ" - RECIFE - SANTOS.
1975 COM ADA - SANTOS -
MIAMI
2:00 8 COM NEIA E EOU - MUSE MUSICA

Não sei porque me deu vontade de anotar algumas coisas. Acho que é porque minhas mãos não estão mais tremendo.

Neste ano passei uns meses complicados com problemas de saúde e fratura no pé direito. Se não fossem meus filhos eu acho que não teria conseguido melhorar. Rida veio duas vezes ficar comigo e me deu muito apoio.

Na parte anterior deste caderno contei muita coisa até meu casamento.

Quando Emilio me pediu em casamento respondi que queria continuar a carreira e viagens. Tivemos a concertos juntos, ouvimos gravações e ele me levou para conhecer a família dele. A mãe e o irmão Jorge. A irmã, Emilia, morava em Espírito Santo e era casada.

Eu estava me preparando para tocar o Concerto de Brahms com orquestra.

Nessa época eu encontra muito a Bernete e ela estava casada com o

Gregoriana. Ela tinha 2 filhos, Claudio
e Sergio do 1º casamento com Eto
Carlos Prado.

Nessa época eu dava aula na escola
da Rua Sergipe.